

RUY FABIANO

Ponto de Vista

Política e Difamação

Os ataques sucessivos do senador Divaldo Suruagy (PMDB-AL) ao porta-voz da Presidência da República, Cláudio Humberto, têm um aspecto curioso: ocultam o verdadeiro agressor e o verdadeiro agredido. Como num teatro de marionetes, Suruagy age como instrumento de Quérzia. E atinge Cláudio Humberto por sabê-lo instrumento do presidente da República. A repercussão que obtém advém de algo simples: a verossimilhança do que aponta e o terreno fértil que o assunto encontra hoje na opinião pública.

O tema, como é óbvio, é o de sempre: corrupção. O mesmo com que Collor derrotou seus adversários em 1989 — e o mesmo com que seus adversários o querem hoje derrotar. Através do expediente de cartas-abertas — cinco já foram divulgadas —, Suruagy fustiga o porta-voz de Collor, acusando-o de enriquecimento ilícito. Para efeito do que busca — o desgaste político do Presidente —, dispensa-se o princípio universal do Direito, segundo o qual o ônus da prova cabe a quem acusa. Politicamente, gerou-se uma anomalia: o ônus da prova cabe ao acusado. Suruagy, pois, apenas repete Requião. E ambos repetem o que o próprio Collor fez na campanha de 1989 contra Sarney. E o que, certamente, farão os que pleiteiam sua sucessão.

As cartas-abertas de Suruagy começaram a ser divulgadas depois que o PMDB identificou as impressões digitais de Collor nas investigações do governador do Paraná, Roberto Requião, contra Quérzia. Requião acabou, estrategicamente, pecando pelo excesso. Banalizou o tema, ao prestigiar o expediente irresponsável da delação telefônica anônima. Quérzia busca faturar esse equívoco, posando de vítima. De qualquer forma, a investigada acabou obrigando o estado-maior quercista a repensar seus métodos de ação. E a decisão inicial foi sair temporariamente de cena.

Quérzia, até então, colocava-se como o crítico intransigente do Governo, avesso a acordos ou entendimentos. Nisso, não havia propriamente o saudável exercício de uma divergência doutrinária; apenas oportunismo. Quérzia não lida com doutrinas: não é de direita, esquerda ou centro — muito pelo contrário. É pragmático e, em nome de seus interesses, faz o discurso que a circunstância aconselhar. No caso do governo Collor, fala de desenvolvimentismo para tirar proveito da insatisfação gerada pela recessão.

Como tem telhado de vidro — sua eleição de governador deu-se em meio a numerosas acusações de corrupção —, acabou alcançado pelo revide. A idéia de retirar-se de cena mostrou-se inviável. O tiroteio cerrado continuaria. O jeito é assumir o erro estratégico de ter precipitado sua candidatura e enfrentar desde já os desafios. A previsão do governador Fleury de que o tema da corrupção continuará por muito tempo elegendo os políticos brasileiros se confirma. E mostra que a crise brasileira, antes de ser política e econômica, é moral.

O presente duelo entre Quérzia e Collor, por via direta ou por interpostas pessoas — como Suruagy e Requião —, retarda indefinidamente a solução da crise. E desgasta ainda mais a confiança da sociedade nas instituições políticas.